

Um negócio que passa de pai para filho

Fotos: André Correa

Cláudio Ferreira
Da equipe do Correio

Filho de peixe continua atrás do balcão. Pelo menos em Taguatinga, onde os filhos das famílias de comerciantes tradicionais seguem o caminho dos pais.

A tendência é a mesma em vários ramos e não escolhe tamanho do empreendimento. No comércio e na indústria, a ordem é manter os negócios da família.

Desde pequenos convivendo com depósitos e notas fiscais, todos acham que a vocação era inevitável. Irmãos esquecem as brigas domésticas para se dividirem entre os vários setores das empresas.

Mas nada de *filhos do patrão* demonstrando autoridade com o pé em cima da mesa. "Comecei como qualquer funcionária", garante Doraluce Pinto, da Sol Tintas.

Em Taguatinga não há lugar para *mauricinhos* e *patricinhas* empertigados. "Se quiser me matar é só me colocar num terno", confessa German Fernandez, o Germaninho dos Móveis Germann.

Referência — Em início de carreira comercial ou com uma situação já definida, todos têm um ponto em comum: preferem continuar trabalhando em Taguatinga.

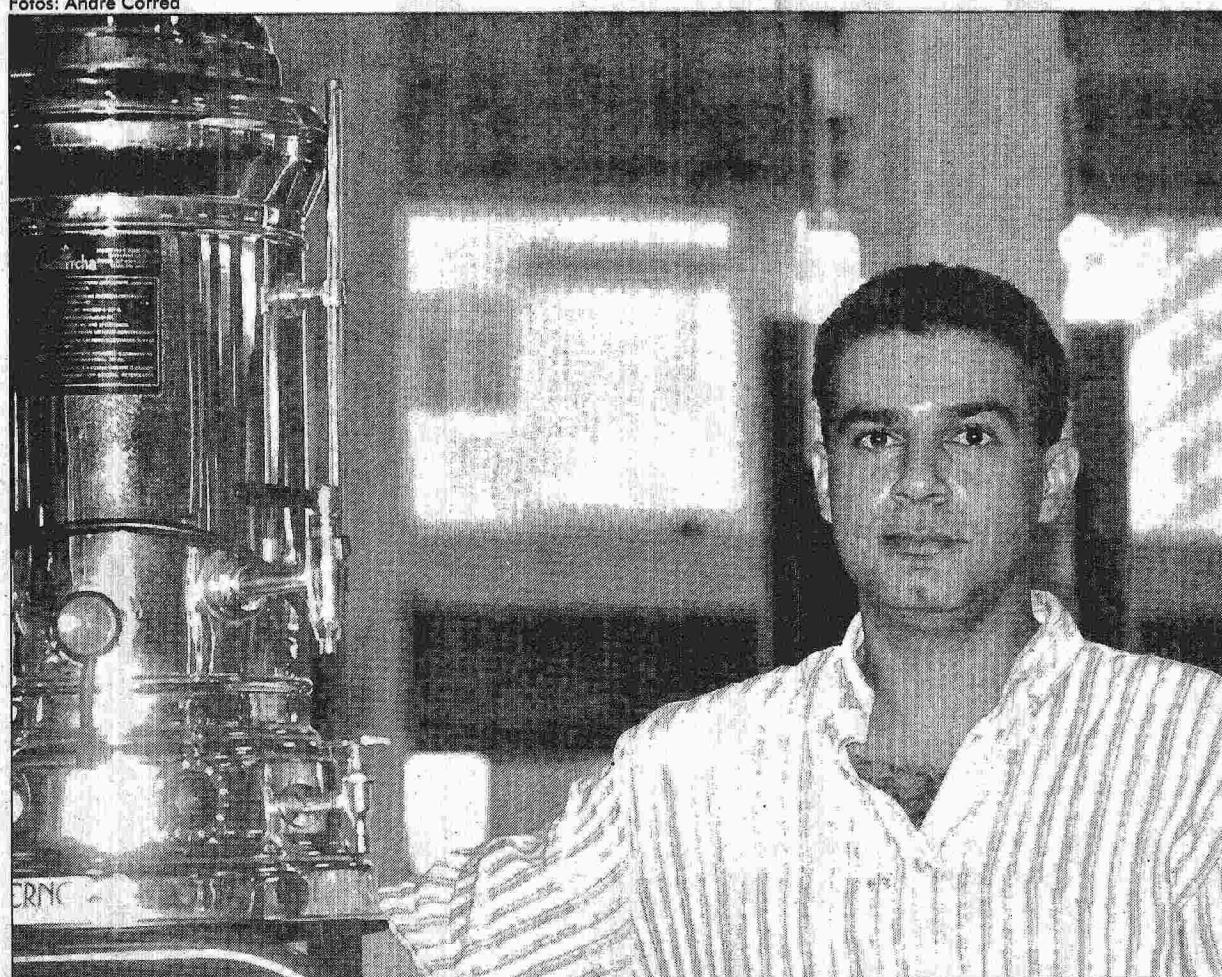
"O cliente do Plano Piloto vem para Taguatinga e o daqui não vai para lá. A cidade é um ponto de referência", afirma Cairo Sarkis, da Salerno Refrigeração, do grupo Sarkis.

Muitos são descendentes de libaneses e palestinos, comerciantes tradicionais por todo o mundo.

Assim como cresceram entre os produtos que hoje lhes dão o ganha-pão, eles esperam que os filhos continuem a tradição.

"Se eles não gostarem de comércio, a gente vai ter que fechar as portas", argumenta Miguel Sarkis, pai de Natália, de nove anos, e Bruno, de seis.

"Quero para eles primeiro o estudo", ressalva Janete Mihsen, da confecção Mr. Grug, mãe de três garotos.



Miguel, o primogênito de Rumenos Sarkis, deixou os estudos para cuidar dos negócios: "A vida de formado é difícil"



Janete teve o apoio do pai, do marido e do irmão para abrir a confecção